

Gabriella Gonçalves Machado

**Mulheres de vida invisível e o sacrifício de si por “amor”:
uma análise da obra *A Vida Invisível de Eurídice Gusmão***

**Uberlândia - MG
2023**

Gabriella Gonçalves Machado

**Mulheres de vida invisível e o sacrifício de si por “amor”:
uma análise da obra *A Vida Invisível de Eurídice Gusmão***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientador (a): Profa. Dra. Denise Stefanoni
Combinato

**Uberlândia - MG
2023**

Gabriella Gonçalves Machado

**Mulheres de vida invisível e o sacrifício de si por “amor”:
uma análise da obra *A Vida Invisível de Eurídice Gusmão***

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientador (a): Profa. Dra. Denise Stefanoni Combinato

Banca Examinadora

Uberlândia, 06 de novembro de 2023

Profa. Dra. Denise Stefanoni Combinato

Profa. Dra. Claudete Moreno Ghiraldelo

Profa. Dra. Silvia Maria Cintra da Silva

**Uberlândia
2023**

RESUMO

Este artigo pretende estabelecer uma aproximação entre Psicologia e Literatura para investigar o desenvolvimento da construção da identidade e dos efeitos do processo no envelhecimento das mulheres. Para tanto, foi realizada uma análise da obra literária *A vida invisível de Eurídice Gusmão*, de Martha Batalha, fundamentada na Psicologia histórico-cultural. A obra pertence ao gênero de ficção e conta com uma rica e coerente ambientação histórica acerca do implacável papel do patriarcado no desempoderamento das mulheres, com foco no genderamento da experiência do amor. O texto pretende destacar a posição de centralidade que a experiência amorosa ocupa na vida e no envelhecimento das mulheres e como essa vivência pode estar ligada à dificuldade de superação da identidade pressuposta.

Palavras-chave: Psicologia. Literatura. Identidade. Envelhecimento. Mulher.

ABSTRACT

This article aims to establish a connection between Psychology and Literature to investigate the development of identity construction and the effects of the process on women's aging. To do so, an analysis of the literary work "The Invisible Life of Eurídice Gusmão" by Martha Batalha was conducted, grounded in historical-cultural Psychology. The literary work belongs to the fiction genre and provides a rich and coherent historical setting regarding the relentless role of patriarchy in disempowering women, with a focus on the gendering of the experience of love. The text intends to emphasize the central role that the experience of love plays in the life and aging of women and how this experience may be linked to the difficulty of overcoming the presupposed identity.

Keywords: Psychology. Literature. Identity. Aging. Woman.

1. Introdução

Este artigo visa não apenas analisar a obra literária *A vida invisível de Eurídice Gusmão*, da autora Martha Batalha (2016) à luz da Psicologia histórico-cultural, mas também contextualizar suas narrativas na dinâmica social e identitária das mulheres, especialmente durante o processo de envelhecimento, com ênfase nas implicações de gênero¹ e no potencial da catarse proporcionada pela arte. Em meio ao cenário do envelhecimento, um fenômeno global exacerbado no Brasil, torna-se imperativo examinar modos de envelhecer que promovam dignidade e saúde, principalmente para a população feminina, cujo crescimento é notavelmente expressivo.

Ao adentrarmos nas considerações sobre identidade, fundamentamo-nos nas ideias de Ciampa (1989), que concebe a identidade como um processo de construção contínua, influenciado por fatores biológicos, psicológicos e sociais. Por entender que a construção da identidade é incessantemente moldada por ritos sociais e pela exposição a personagens estereotipadas, contribuindo para o gendramento² da experiência de gênero, será explorado, a partir de uma perspectiva teórica de gênero, como a construção identitária é afetada, destacando o conceito de "dispositivos de gênero" proposto por Zanello (2018) refletindo-se nas relações familiares e nas expectativas sociais.

A análise também se estenderá à função enriquecedora da arte na construção da identidade, conforme proposto por Vigotski (2001), a partir da análise da personagem Eurídice Gusmão como janela para vislumbrar a realidade de mulheres invisíveis na sociedade patriarcal. Será destacada a possibilidade de catarse proporcionada pela arte, visando a uma transformação pessoal que transcenda a realidade imediata e promova uma avaliação mais profunda do eu e do entorno. Assim, este artigo busca não apenas decifrar a narrativa ficcional,

¹ Gênero define "o conjunto de normas, valores, conceitos e práticas através das quais as diferenças biológicas entre homens e mulheres são cultural e simbolicamente significadas" (Cruz, 2012, p.236).

² Conceito de gendramento das experiências de gênero será utilizado para expressar o modo pelo qual os sujeitos se relacionam aos dispositivos de regulação e performatividade de gênero, por meio das normas instituídas socialmente (Butler, 1990).

mas também contextualizar suas temáticas nas complexidades sociais e identitárias, especialmente no contexto do envelhecimento feminino e das dinâmicas de gênero.

Através da aproximação entre vida e arte, Psicologia e Literatura, o objetivo geral deste trabalho foi analisar a obra literária *A vida invisível de Eurídice Gusmão*, de Martha Batalha (2016), a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da Psicologia histórico-cultural, a fim de compreender o impacto que uma realidade sociocultural orientada pelo patriarcalismo pode exercer na construção da identidade de mulheres ao longo do seu envelhecimento.

Além disso, como objetivo específico, buscou-se refletir sobre o papel ativo que os seres humanos possuem na construção e transformação das próprias vidas e, paralelamente, destacar a implacável participação do patriarcado no desempoderamento das mulheres. Com foco no gendramento da experiência amorosa e na posição de centralidade que esse aspecto ocupa na vida das mulheres, buscou-se compreender a dificuldade de superação da identidade pressuposta ao longo do processo de envelhecimento.

1.1 Envelhecimento e saúde da mulher

O aumento da expectativa de vida é um fenômeno global. De acordo com dados do IBGE (2023), o Brasil está experimentando um envelhecimento populacional acelerado. Atualmente, aproximadamente 15% da população brasileira tem 60 anos ou mais. Projeções estatísticas indicam um aumento significativo da população idosa no país nos próximos anos, destacando que o crescimento da população feminina será mais expressivo nesse processo. Em 2021, as mulheres representavam 51,1% da população do país, sendo que na faixa de 60 anos ou mais, eram 78,8 homens para cada 100 mulheres (IBGE, 2022).

Diante desse crescimento expressivo do público feminino no Brasil, torna-se evidente a necessidade de discutir modos de envelhecer que sejam dignos e saudáveis para essa

população. Ao direcionar o foco para essa temática, a intenção é ampliar o diálogo como uma possibilidade de emancipação por meio do acesso à informação e da quebra de paradigmas.

1.2 Identidade e Gênero

Ciampa (1989) define identidade como o processo de conhecimento de si e de reconhecimento mútuo dos indivíduos, que estão "identificados através de um determinado grupo social que existe objetivamente, com sua história, suas tradições, suas normas, seus interesses, etc" (p.64). O autor concebe a identidade como um processo de construção no qual parte do produto já está determinada, sendo essa porção denominada de "identidade pressuposta". Ele alerta que o entendimento integral do produto só será possível ao superar o que já está estabelecido e incorporar o próprio processo de produção.

Para assimilação do conteúdo sobre identidade, Ciampa (1989) introduz o conceito de *identidade pressuposta* como características que, ao pé da letra, "pré-supõem" a existência de representações cujas características fazem parte dos indivíduos. Para ilustração do conceito, o autor traz o exemplo do nascituro que, antes de nascer, já é representado como "membro de uma família; posteriormente, essa representação é assimilada pelo indivíduo de tal forma que seu processo interno de representação é incorporado na sua objetividade social como filho daquela família" (Ciampa, 1989, p. 65).

Para Ciampa (1989), não há possibilidade de compartimentalizar aspectos biológicos, psicológicos e sociais durante a construção da identidade; todos os pontos são simultaneamente responsáveis pela caracterização do indivíduo e pela representação desse indivíduo socialmente, pois há uma justaposição entre os fatores; dessa maneira, a identidade pressuposta e a representação desse indivíduo se tornam indissociáveis.

De acordo com o autor, a identidade pressuposta está sendo constantemente reposta através de ritos sociais ou pela exposição à repetição de personagens estereotipadas,

responsáveis pelo gendramento da experiência de gênero através do processo, chamado por ele, de “mesmice” (Ciampa, 1989).

Ciampa (1989) afirma que a supressão da identidade pressuposta e o surgimento de um "outro eu" são necessários para evitar a *mesmice contínua*. Ele argumenta que essa “negação da negação do eu” pode levar a uma identidade em constante metamorfose, permitindo a concretização das possibilidades de toda a humanidade. Ciampa (1989) apresenta o conceito de metamorfose para indicar momentos em que o indivíduo atua como sujeito de transformação da própria história.

Numa sociedade em que a norma estabelecida é patriarcal³ e em que certas diferenças foram eleitas historicamente para justificar desigualdades (Zanello, 2018), percebemos o impacto que essas construções sociais exercem sobre as mulheres no desenvolvimento de sua identidade de gênero: “gênero é, portanto, um conceito relacional e implica, sempre, relações de poder, de privilégios, de maior ou menor prestígio” (Zanello, 2018, p.44).

Durante o processo de formulação dessa identidade, homens e mulheres veem-se designados a "espaços diferentes e privilegiados de subjetivação, produzindo implicações identitárias gendradas capazes de criar, reforçar e manter situações de desigualdade de gênero" (Zanello, 2018, p.61).

Em uma sociedade patriarcal, onde categorias como raça, classe social e faixa etária são utilizadas para conceber identidade, os marcadores de gênero inevitavelmente impõem limites ao desenvolvimento identitário das mulheres.

³ A "sociedade patriarcal" é um conceito que descreve uma estrutura social em que homens detêm um poder desproporcional e dominam as instituições e relações sociais. No patriarcado, há uma hierarquia que coloca os homens em posições de autoridade e privilégio, enquanto as mulheres muitas vezes enfrentam desvantagens e restrições em vários aspectos da vida, incluindo política, economia, educação e vida familiar. Silvia Federici (2023) examina a conexão entre o patriarcado e a subjugação das mulheres ao longo da história, destacando como a misoginia foi utilizada para controlar e explorar as mulheres, especialmente durante os períodos de transição para o capitalismo.

Na sociedade capitalista, o papel da mulher na família burguesa se contrapõe aos ideais de autonomia do sujeito moderno (Zanello, 2018), tornando-se uma barreira para a superação da identidade pressuposta, conforme apresentado por Ciampa (1989).

Sendo assim, a construção social da feminilidade pode impactar o desenvolvimento psicossocial das mulheres, uma vez que a expectativa de submissão feminina se torna um fator predominante na formação de uma baixa autoestima, falta de confiança e dificuldade em se expressar. Enquanto isso, para os homens, é atribuído o ideal de autonomia e liberdade, permitindo a promoção da autoconfiança, autoestima e a capacidade de tomar decisões e buscar objetivos pessoais.

Nos constituímos no capitalismo e nos desenvolvemos sob suas normas, o que impacta diretamente a construção social da feminilidade e da masculinidade, bem como a dinâmica de gênero nas relações familiares. A compreensão desses processos é fundamental para a Psicologia entender como as normas de gênero são construídas e como elas afetam o desenvolvimento humano.

1.3 Arte e identidade

Vigotski (2001) destaca o papel enriquecedor que a arte desempenha na discussão e elaboração da própria realidade, representando uma possibilidade potencializadora na construção da identidade. Segundo Barroco & Superti (2014), a arte não busca ser uma cópia fiel da realidade objetiva; ao contrário, ela se apresenta como uma oportunidade para conceber ações criativas e transformadoras capazes de romper com a realidade estabelecida, exercendo a habilidade de gerar conteúdo cultural. Vigotski (2001, p.307-308) explica que:

A arte está para a vida como o vinho para a uva - disse um pensador, e estava coberto de razão, ao indicar assim que a arte recolhe da vida o seu material mas produz acima desse material algo que ainda não está nas propriedades desse material.

De acordo com Vigotski (2001), a função da ferramenta artística, como a literatura, é provocar no indivíduo o desejo por expandir e explorar características humanas; ao entrar em

contato com experiências alheias, o sujeito é capaz de vivenciar outra realidade que não a sua própria e, por meio dessa, enriquecer o próprio repertório e ampliar sua visão de mundo e de humanidade.

É por isso que, na narrativa criada por Martha Batalha (2016), através da história da personagem Eurídice Gusmão, é possível ter um vislumbre da realidade de tantas outras mulheres ao redor do mundo inseridas na lógica de uma sociedade patriarcal e que, portanto, ao narrar a vida e as escolhas de Eurídice, a autora também faz referência a história de muitas outras mulheres de vidas invisíveis.

Como alternativa possível para alcançar a metamorfose descrita por Ciampa (1989), nos apoiaremos em Vigotski (2001), que introduz o conceito de catarse. Para Vigotski (2001), a catarse é um processo de transformação pessoal que ocorre através da arte, não como mera forma de entretenimento, mas como ferramenta de mudança pessoal, ao passo em que nos permite transcender a realidade imediata e nos apresentar a uma nova possibilidade, com capacidade de promover uma avaliação mais profunda e significativa sobre si e o seu entorno.

Se um poema que trata da tristeza não tivesse nenhum outro fim senão contagiar-nos com a tristeza do autor, isto seria muito triste para a arte. O milagre da arte lembra antes outro milagre do Evangelho – a transformação da água em vinho, e a verdadeira natureza da arte sempre implica algo que transforma, que supera o sentimento comum, e aquele mesmo medo, aquela mesma dor, aquela mesma inquietação, quando suscitadas pela arte, implicam o algo a mais acima daquilo que nelas está contido. E este algo supera esses sentimentos, elimina esses sentimentos, transforma a sua água em vinho, e assim se realiza a mais importante missão da arte (Vigotski, 2001, p.307).

2. Método

A partir da articulação entre Psicologia e Literatura, foi realizada uma análise da obra literária *A vida invisível de Eurídice Gusmão*, de Martha Batalha (2016), fundamentada nos pressupostos da Psicologia histórico-cultural.

Através dos signos – sentido pessoal e significados sociais – contidos na obra literária escolhida para elaboração dessa análise, pretende-se realizar uma aproximação entre vida e arte

como recurso para compreensão psicossocial dos fenômenos a serem discutidos. Isso porque, para Vigotski (2001), a arte pode ser interpretada como um produto cultural que atua como intermediário entre o indivíduo e a humanidade.

Os valores e as crenças defendidos ou rejeitados pela sociedade refletem-se nas obras literárias. A literatura pode confirmar ou desafiar esses valores, além de propor ou denunciar questões sociais, permitindo uma abordagem dialética dos problemas (Candido, 1988). Para esse estudo, escolhemos uma obra que problematiza uma realidade sociocultural, orientando suas representações de gênero a partir do patriarcalismo.

Para compreensão psicossocial da obra literária, com a intenção de ampliar as discussões sobre formas dignas e saudáveis de envelhecer sendo mulher, serão utilizados na produção dessa análise os conceitos de identidade pressuposta e metamorfose de Ciampa (1989), em justaposição aos conceitos de dispositivos de gênero e amorosos de Zanello (2018). Como possibilidade de metamorfose e rompimento ao conceito de identidade pressuposta de Ciampa (1989), nos apoiaremos no conceito de catarse por meio da arte discutido por Vigotski (2001).

Para maior compreensão de como se dá a imposição da identidade pressuposta no caso das mulheres, serão utilizados os conceitos de dispositivos de gênero e amoroso propostos por Zanello (2018). Em uma sociedade como a nossa, cujos papéis de gênero se constituem como fator estruturante e poderoso em tornar-se sujeito, o desenvolvimento gradativo do que significa ser homem e mulher garante a ambos os processos de subjetivação diferenciados.

Como parte mantenedora dos dispositivos de gênero, Zanello (2018) apresenta o dispositivo amoroso como um dos mais importantes reforçadores da desigualdade de gênero. Ao enfatizar que mulheres estão submetidas a construírem a própria identidade através do relacionamento amoroso, a autora indica que a autopercepção e a construção desse sujeito serão mediadas pelo julgamento e aprovação de um homem que as escolha. Então, ao passo em

que se reconhecem mediante uma idealização sociocultural, nesse caso, de ser mulher e como deve ser exercida essa “mulheridade”, buscam agir de acordo com as características que determinam esse constructo e dão significado à representação dessa identidade e, para que haja coesão no processo de diferenciação, negam-se invariavelmente as representações daquilo que não representa esse ideal de ser mulher.

Nesse sentido, é reservada às mulheres uma identidade pressuposta que indica um lugar de desempoderamento e vulnerabilidade, no qual sempre estarão sujeitas a serem, ou não, validadas em comparação a outras mulheres (Zanello, 2018).

2.1 Analisando a obra literária

Após a seleção de uma obra literária que abordasse a temática em estudo, procedeu-se à leitura de *A vida invisível de Eurídice Gusmão*, de Martha Batalha (2016).

Em seguida, a partir dos estudos dos fundamentos teórico-metodológicos da Psicologia histórico-cultural, a obra foi relida com a intenção de selecionar trechos que dialogassem com os conceitos supracitados – identidade pressuposta (Ciampa, 1989), dispositivos de gênero (Zanello, 2018) e catarse (Vigotski, 2001), buscando ampliar o conhecimento sobre o desenvolvimento e a construção da identidade em articulação com o contexto sociocultural da qual a personagem faz parte.

Conjuntamente, foi analisada a construção de sentidos através dos significados expressos na obra literária, a fim de verificar os impactos suscitados na comunicação e socialização das experiências vivenciadas. Segundo Vigotski (2001), a parcela de significados refere-se aos conteúdos compartilhados socialmente e apropriados pelos sujeitos. Já o segmento que se refere ao sentido é muito mais amplo do que o significado, uma vez que ele se refere à articulação dos eventos psicológicos que o sujeito produz diante da realidade. Portanto,

foram analisados tanto os significados sociais daquilo que está expresso na obra, bem como a produção de sentidos pessoais a partir das vivências das personagens.

2.2 Entre lavandas e cebolas: o contexto temporal e espacial de *A Vida Invisível de Eurídice Gusmão*

A vida invisível de Eurídice Gusmão é o romance de estreia da autora Martha Batalha, cuja trama e o desenrolar temporal são desenvolvidos em torno da personagem Eurídice. A história é contada por uma narradora em terceira pessoa, que é onisciente e por isso tem acesso aos pensamentos e sentimentos das personagens. Essa narradora onisciente oferece uma visão abrangente da vida das personagens, permitindo ao leitor compreender os eventos e as emoções de diferentes perspectivas da trama.

O romance é ambientado nos anos 1940 até meados dos anos 1950, numa zona suburbana do Rio de Janeiro, que nesse momento era a capital do país, e se orienta temporalmente através de eventos e momentos políticos do Brasil. Embora a obra aborde períodos do século passado em seu conteúdo, ela foi escrita no século XXI e publicada no ano de 2016. A narrativa segue uma linha cronológica que não apenas permite ao leitor acompanhar o amadurecimento de Eurídice, mas também retrocede a eventos passados que se relacionam com o momento presente das personagens.

A trama concentra-se principalmente no núcleo familiar de Eurídice, composto por ela, seu marido Antenor e seus dois filhos, Cecília e Afonso. A dinâmica familiar é permeada por expectativas sociais, pressões de gênero e desafios relacionados à identidade das mulheres na sociedade da época. Eurídice, apesar de possuir habilidades notáveis, encontra-se limitada pelas normas patriarcais, enquanto Antenor desempenha um papel tradicional como provedor, tendo um emprego de prestígio para a época (funcionário do Banco do Brasil). A narrativa também explora as relações familiares ao longo do tempo, destacando as transformações e

desafios enfrentados pelos membros da família, com ênfase na análise de sua irmã Guida e seu marido Marcos.

A seguir, é apresentado um trecho que ilustra as escolhas do homem (não da mulher) e a relação estabelecida desde o dia do casamento entre Eurídice e o Antenor:

Por que Eurídice e Antenor se casaram ninguém sabe ao certo. Alguns [. . .] apontam a doença da tia de Antenor como responsável pela união, já que agora ela não podia mais lavar as roupas do sobrinho com o sabão especial de lavanda ou preparar a canja de galinha com pedaços transparentes de cebola [...] Foi uma cerimônia simples, seguida por uma festa simples, e por uma lua de mel complicada. O lençol não ficou sujo, e Antenor se indignou.

“Por onde você andou?”

[...]

“Vagabunda. Eu me casei com uma vagabunda.”

“Não fale assim, Antenor.”

“Falo e repito. Vagabunda, vagabunda, vagabunda.”

Sozinha na cama, corpo escondido sob o cobertor, Eurídice chorava baixinho pelos *vagabunda* que ouviu, pelos *vagabunda* que a rua inteira ouviu. E porque tinha doído, primeiro entre as pernas e depois no coração.

Nas semanas seguintes a coisa acalmou, e Antenor achou que não precisava devolver a mulher. Ela sabia desaparecer com os pedaços de cebola, lavava e passava muito bem, falava pouco e tinha um traseiro bonito (Batalha, 2016, p.10-11).

Rocha-Coutinho (1994) traz informações relevantes sobre o contexto histórico da obra em sua pesquisa realizada com mulheres cariocas entre 60 e 75 anos – mulheres da idade de Eurídice – da burguesia local, focando em estratégias de controle, definidas como “as formas de um agente social influenciar alguém a pensar, sentir ou agir de maneira que não partiria naturalmente dela” (p. 127). Sua pesquisa revela que as mulheres entrevistadas mantêm uma distinção clara entre seus espaços de domínio privado. Dentro desses espaços, elas entendem que devem empregar estratégias sutis de controle, que podem incluir a modulação da fala e até mesmo a chantagem emocional. Por outro lado, elas reconhecem que o espaço público é destinado à atuação masculina, permitindo que os homens utilizem estratégias diretas de poder.

A mulher passa a viver para o amor: amor a seus filhos, a seu esposo, a sua casa. Para tanto, ela deveria se manter pura, distante dos problemas e das tentações do mundo exterior – o mundo do trabalho –, que deveria ficar sob o encargo do homem (Rocha-Coutinho, 1994, p.29).

Esses diferentes papéis são evidenciados após Eurídice apresentar seu projeto de publicação de um livro de receitas para Antenor e ser menosprezado por ele: “Deixe de

besteiras, mulher. Quem compraria um livro feito por uma dona de casa?” (Batalha, 2016, p.32).

E Eurídice, que nunca tinha visto a vida além daquela casa e daquele bairro, ou da casa e do bairro dos pais, achou que o marido tinha razão. Antenor sabia das coisas. Ele estudou contabilidade, era funcionário do Banco do Brasil e discutia política com outros homens (Batalha, 2016, p.32).

2.2.1 Desencorajamento persistente: identidade e envelhecimento

A narrativa abrange um amplo período de tempo, o que permite ao leitor acompanhar o desenvolvimento das personagens, as mudanças ao longo da vida e de que maneira a construção de suas identidades são atravessadas pelas normas sociais instituídas.

O tema do envelhecimento não aparece como foco principal da obra, mas é abordado indiretamente, já que as personagens enfrentam transformações ao longo do tempo, incluindo desafios associados à passagem dos anos.

Durante as décadas seguintes Henriqueta consertou os pés chatos e ganhou alguma graça. Graça que já era para ter desaparecido, porque naqueles tempos as graças não gostavam de acompanhar as moças com mais de trinta (Batalha, 2016, p.149-150).

A obra reflete sobre a vida e a influência que determinadas construções sociais têm sobre as mulheres em relação à formação de suas identidades de gênero – e sua interface com a classe social e a raça - durante seu processo de envelhecimento.

Parece que Das Dores teria que operar, e mais não se soube. Antenor e Eurídice não podiam ter em casa uma empregada que não conseguisse limpar em cima da geladeira. Pagaram-lhe os benefícios, deram por fora uns tantos cruzeiros e Das Dores sumiu no mundo, tão quietinha como sempre viveu na casa de seus patrões (Batalha, 2016, p.185).

As personagens femininas representam na obra a experiência de envelhecer sob a influência de uma estrutura social burguesa, patriarcal e machista, com trajetórias de vida que revelam variadas maneiras de como uma estrutura opressora pode se manifestar em diferentes aspectos, incluindo a limitação de espaços discursivos e a imposição de práticas específicas para mulheres ao longo do envelhecimento.

Durante a construção da narrativa, a autora habilmente destaca as múltiplas habilidades de Eurídice que, desde a infância, revelam-se notáveis. Contudo, mesmo diante dessas aptidões excepcionais, a personagem encontra-se em um ambiente onde tais talentos são frequentemente ignorados, desacreditados ou desencorajados. A narrativa revela um padrão persistente de desencorajamento por parte de diversos personagens, incluindo seus pais, a professora, o marido, os filhos e até mesmo colegas da vizinhança.

A flauta foi o primeiro amor de Eurídice. [...] Heitor Villa-Lobos⁴ apareceu na escola para discorrer sobre os benefícios do canto orfeônico. Ouviu Eurídice, tirou o charuto da boca e disse: ‘Quero esta menina comigo no conservatório’. [...] Para os pais de Eurídice, a flauta jamais seria um fim. A flauta era apenas um meio. Um meio de aumentar as prendas da filha para que fizesse bom casamento (Batalha, 2016, p.61).

A reiterada desvalorização de Eurídice não apenas destaca a negligência em reconhecer suas habilidades únicas, mas também evidencia uma improbabilidade das mulheres na sociedade apresentada em conseguirem superar a identidade pressuposta, colocando em suspenso a possibilidade de alcançar a metamorfose, já que lhes era negada a participação ativa na transformação da própria história. Nesse contexto, as mulheres são estereotipadas e restritas ao papel de esposas e donas de casa, sendo-lhes negadas possibilidades legítimas de alcançarem a superação de suas identidades pressupostas. E vão reproduzindo essas identidades pressupostas:

“Tá bom assim, mamãe?”
Em cima de um banquinho e na ponta dos pés, Cecília ajudava a mãe a secar os pratos.
“Está sim, Cecília. Um dia você vai ser uma boa dona de casa” (Batalha, 2016, p.32-33).

Qualquer desvio desse caminho predefinido é não apenas desconsiderado, mas, ainda mais significativamente, percebido como uma potencial ameaça ao seu desenvolvimento pessoal. A narrativa, ao focar essa dinâmica, lança luz sobre as barreiras culturais e sociais que as mulheres enfrentam ao buscar desafiar as expectativas tradicionais, destacando como os

⁴ Heitor Villa-Lobos (1887-1959) foi um renomado compositor e maestro brasileiro, reconhecido internacionalmente por suas contribuições significativas para a música clássica do século XX. Nascido no Rio de Janeiro, Villa-Lobos é frequentemente considerado o maior expoente da música clássica no Brasil. O convite de Villa-Lobos evidencia a grande referência do maestro e também o talento de Eurídice, que acabou sendo desperdiçado.

dispositivos de gênero podem aprisionar e sufocar aspirações individuais e limitar a expressão plena de seus potenciais (Zanello, 2018).

2.2.2 Adoecimento por "amor": Eurídice e o casamento como identidade

As personagens femininas da obra enfrentam diversos desafios para se afirmarem como indivíduos independentes e alcançarem a metamorfose de suas identidades pressupostas (Ciampa, 1989). Eurídice, por exemplo, é uma mulher talentosa e inteligente, mas que vê suas aspirações e sonhos serem sufocados pelo marido e pela sociedade. Ela queria e precisava estudar, para ela essa era a única forma que conhecia para se libertar e crescer, para não se sentir sempre subjugada pelo marido e não perder a autoestima.

Eurídice ficava em casa, moendo carne e remoendo os pensamentos estéreis que faziam da sua uma vida infeliz [...] Porque Eurídice, vejam vocês, era uma mulher brilhante. Se lhe dessem cálculos elaborados, ela projetaria pontes. Se lhe dessem um laboratório, ela inventaria vacinas. Se lhe dessem páginas brancas ela escreveria clássicos. Mas o que lhe deram foram cuecas sujas (Batalha, 2016, p.12).

A escolha das palavras e o ritmo estabelecido pela condicional “se” cria uma imagem simbólica poderosa do potencial de Eurídice, que é brutalmente interrompida pela adversativa “mas”, desempenhando um papel crucial na construção de sentido e vivência catártica diante do texto. Eurídice se vê cerceada por uma rotina opressiva, como ilustrado pelo ato de moer carne, além de sentir-se aprisionada por seus próprios pensamentos contraproducentes e autoquestionadores, como evidenciado pelo hábito de “remoer pensamentos estéreis”.

A palavra 'moer' carrega o significado de triturar algum material em pedaços pequenos. A escolha por essa palavra cria uma imagem em que Eurídice está envolvida em uma tarefa rotineira e desgastante. “Moendo carne” torna-se uma metáfora para representar a monotonia e a repetição de sua vida doméstica, em que ela se vê aprisionada por obrigações cotidianas que não lhe proporcionam plena satisfação. E a palavra “remoer” transmite a ideia de pensar repetidamente em algo, geralmente de maneira obsessiva ou ansiosa. A articulação do conteúdo com a forma expressa em “remoendo pensamentos estéreis” produz, nesse contexto, o sentido

de que Eurídice se sente aprisionada em sua própria mente, assim como em sua vida. Ou, como a narrativa apresenta em outro trecho, Eurídice vive em um “exílio doméstico” (Batalha, 2016, p.30).

A partir deste mesmo trecho, também fica reconhecido o quanto Eurídice era brilhante e talentosa, dotada de habilidades e potencialidades significativas que, no entanto, foram subutilizadas e reprimidas por uma sociedade que limitou a realização do seu potencial individual durante o seu desenvolvimento. A falta de oportunidades e o confinamento de Eurídice às tarefas domésticas tradicionais ilustram como as normas sociais podem restringir e limitar o desenvolvimento humano. O texto sugere que as circunstâncias sociais e culturais, principalmente a expectativa de gênero, desempenharam um papel fundamental na forma como Eurídice acabou elaborando sua identidade.

Ao mesmo tempo em que Eurídice busca agir de acordo com as normas que dão significado a sua representação de gênero enquanto mulher, existe nela um desejo de se afirmar enquanto pessoa autônoma e agente de transformação da própria história. Foi através da culinária, da costura e da literatura que Eurídice enxergou uma oportunidade de se expressar e explorar as suas habilidades.

Eurídice jamais seria uma engenheira, nunca poria os pés num laboratório e não ousaria escrever versos, mas essa mulher se dedicou à única atividade permitida que tinha um certo quê de engenharia, ciência e poesia.

Todas as manhãs, depois de despertar, preparar, alimentar e se livrar do marido e dos filhos, Eurídice abria o livro de receitas da Tia Palmira. Pato com laranja parecia ser o jantar ideal, desde que tivesse que comprar o pato, e que em casa não houvesse laranjas.

[...]

Quando já tinha testado todas as receitas, Eurídice achou que era hora de criar seus próprios pratos [...] escrevendo os passos de cada receita no seu caderno. Era seu diário, aquele. O relato do que fez para suportar os anos de exílio doméstico, para tornar menos opressora as paredes daquela casa.

[...] seu caderno de receitas era um livro pronto; ela queria publicá-lo, e quem sabe fazer outro em seguida. Eurídice poderia ter um programa culinário na rádio, poderia assinar uma página no *Jornal das Moças!* Poderia abrir seu curso de forno e fogão para mocinhas recém-casadas. Seus olhos grandes ficaram maiores (Batalha, 2016, p.30-31).

A obra também proporciona uma análise penetrante da realidade sociocultural orientada pelo patriarcado. O conteúdo da escrita e da narrativa adotada pela autora ilustra vividamente o que significa ser mulher no contexto da obra, reafirmando, sem meias palavras, aquilo que está estabelecido socialmente, como as mulheres são sistemática e sutilmente subjugadas, transformadas em figuras praticamente invisíveis em uma sociedade que dá prioridade aos homens.

Na obra, Eurídice, mesmo sendo a protagonista da narrativa, é descrita como coadjuvante da própria história, sendo relegada ao papel secundário de mera extensão do homem com quem se casara. Esta visão é apoiada por Zanello (2018), que destaca um fenômeno preocupante: o adoecimento da mulher em nome do "amor". Zanello não está se referindo ao amor como uma entidade metafísica, mas sim como um modelo de vida imposto, em que o amor é percebido como uma questão identitária.

Para ela [Eurídice] o casamento era algo endêmico, algo que acometia homens e mulheres entre dezoito e vinte e cinco anos. Tipo surto de gripe, só que um pouquinho melhor. O que Eurídice realmente queria era viajar o mundo tocando sua flauta. Queria fazer faculdade de engenharia e manter-se fiel aos números [...] Mas ela não sabia que queria tanto (Batalha, 2016, p.82).

De acordo com Zanello (2018), muitas mulheres, à semelhança de Eurídice, casam-se não apenas com um parceiro específico, mas com a própria ideia do casamento. Isso acontece independentemente da qualidade do relacionamento ou da satisfação que possam ter nessa união. A autora ressalta que esta dinâmica reflete um fenômeno mais amplo no qual as mulheres, em busca desse ideal cultural do casamento, muitas vezes sacrificam sua própria realização pessoal e satisfação.

Essa exploração da relação entre identidade, amor e casamento enriquece a compreensão da opressão das mulheres na trama e destaca como as expectativas sociais podem moldar suas escolhas e bem-estar (Zanello, 2018). Ao compararmos isso com a apresentação das personagens masculinas, torna-se evidente um espaço de subjetivação privilegiado em relação às mulheres na obra.

Um exemplo é Marcos, marido de Guida, com quem fugiu, afastando-a do lar e de sua família, e para quem fez promessas de um casamento promissor e seguridade, tanto afetiva quanto financeira. Ao decidirem se casar, o casal passa a ser visto através da ótica da identidade pressuposta do que era esperado de marido e esposa naquele contexto sociocultural.

Mesmo que ambos tenham decidido se casar sem o envolvimento de suas famílias, apenas Guida sofreu com o peso das consequências por se casar sem a aprovação dos pais. Ela se via obrigada a cumprir todas as normas instituídas sobre o papel de uma mulher casada e suas responsabilidades em relação à casa e ao matrimônio. Enquanto Marcos não se mostrava capaz de manter o único papel atribuído socialmente ao marido no casamento, o de provedor financeiro e patrimonial e não precisou enfrentar nenhum tipo de repressão quando decidiu abrir mão do casamento, abandonar Guida e retornar para a casa da família.

A epifania veio em meados de abril, e foi causada pelos mosquitos.

[...]

Levantou-se às três da manhã, sem saber se tinha dormido ou não [...] Marcos era lento, mas naquele momento foi capaz de processar várias informações.

[...]

A imagem de Guida na cama não foi o suficiente para livrar Marcos do pesadelo. O dinheiro comprava a felicidade sim, porque a felicidade era um quarto sem mosquitos, mesmo que esse quarto ficasse em um palacete macabro em Botafogo. Marcos levantou-se, vestiu a roupa que estava sobre a cadeira e saiu em seguida, deixando um recado para a mulher na mesinha ao lado da porta.

O recado era a aliança de casamento (Batalha, 2016, p.102-103).

A Marcos estava reservado o direito de negar o papel de marido que lhe foi atribuído socialmente, tendo a metamorfose claramente disponível como possibilidade de superação de sua identidade pressuposta. Em contrapartida, à Guida, estava reservado o espaço de cobrança e impossibilidade de superação, tendo sido atribuída a ela toda carga e responsabilidade pela dissolução do casamento.

Guida sabia que Marcos estava indo embora quando ele se levantou naquela noite [...].

Dou menos de duas semanas para ele estar aqui de joelhos.

[. . .]

Quando as duas semanas se passaram e Marcos não voltou, Guida começou a achar que não sabia assim de tantas coisas. O que ela sabia, no entanto, era que estava grávida (Batalha, 2016, p.103).

Ela poderia atrasar o aluguel e fugir sem pagar, mudando-se de madrugada para um lugar em que fosse desconhecida. Manter a aparência e aliança no dedo, anunciar aos vizinhos que era viúva e que buscava emprego.

[...]

Não, aquilo jamais daria certo. Que ideia mais estapafúrdia
 [...] Nada fazia sentido. O que fazia sentido era procurar pelos pais
 [...] “Sou eu, pai. Sua filha Guida.”
 Seu Manoel não levantou a cabeça, e só deixou de cerrar os dentes para pôr fim à situação.
 “Só tenho uma filha. Ela se chama Eurídice” (Batalha, 2016, p.103-107).

2.2.3 Tecendo palavras, rompendo silêncios: Eurídice e a arte como resgate identitário

Ciampa (1989) destaca que a metamorfose surge em momentos em que o indivíduo atua como o agente de transformação de sua própria história, identificados como catalisadores para superar a "mesmice". Contudo, caso a superação da identidade pressuposta não ocorra, a continuidade da monotonia torna-se intransponível. A ausência de momentos que permitam transcender a configuração estabelecida do "eu" torna a metamorfose impraticável.

Contraopondo-se aos ideais de autonomia do sujeito moderno, as imposições de gênero tornam-se uma barreira para a superação da identidade pressuposta. No contexto das mulheres, a internalização do ideal sociocultural que define a "mulheridade" faz com que elas busquem agir de acordo com as características que delineiam essa identidade, muitas vezes negando representações que não se alinham com o ideal preconizado (Zanello, 2018). Essa identidade pressuposta coloca as mulheres em espaços que restringem suas possibilidades de alcançar a metamorfose de maneira livre e segura.

Diante desse cenário opressor, entende-se que a catarse através da arte pode ser uma possibilidade de transformação para muitas mulheres. Vigotski (2001) explica que, através da arte, é possível transcender a realidade imediata, abrindo espaço para novas possibilidades.

A arte é antes uma organização do nosso comportamento visando ao futuro, uma orientação para o futuro, uma exigência que talvez nunca venha a concretizar-se, mas que nos leva a aspirar acima da nossa vida o que está por trás dela (Vigotski, 2001, p.320).

A narradora retrata Eurídice como uma mulher que pouco se permite desviar do ideal de mulheridade da época. Em uma parte do texto, é explicado que ela não se considerava de grande valor, e sua própria explicação para isso incluía uma percepção sobre o papel que

mulheres como ela desempenham na sociedade: "Ninguém atribui muito valor quando diz ao agente do censo que, no âmbito profissional, ele deve registrar as palavras 'Do lar'" (Batalha, 2016, p.11).

Para mulheres como Eurídice, que precisavam se sujeitar aos padrões normativos de gênero da época, a metamorfose não era algo facilmente alcançado; ela deveria ser buscada por outros meios. Foi através da arte que Eurídice conseguiu vislumbrar o seu potencial transformador.

Eurídice viu a estante de livros.
 Levantou-se e passou a mão direita pelas lombadas. Dostoiévski, Tolstoi, Flaubert [...] Voltou para o sofá na companhia de um livro, e pela primeira vez em muito tempo dedicou às páginas sua total atenção
 [...] Colocou sobre a mesa a sua máquina de escrever
 [...] tec tec tec foi o som daqueles tempos
 [...] Todos sabiam da nova rotina de Eurídice, mas ninguém ousava perguntar o que tanto ela escrevia
 [...] “Estou escrevendo um livro. É sobre a história da invisibilidade”.
 O jantar seguiu em silêncio [...] Havia a convicção de que Eurídice só podia ser levada a sério quando dizia que o jantar estava na mesa [...] Eurídice não ligou. O *não ligar* fazia parte da nova fase.
 [...] O que incomodava nessa nova fase de Eurídice era o olhar: ele agora parecia entrar por dentro das pessoas, como se fosse roubar seus segredos. Mas desde que a rotina de casa fosse mantida [...], Eurídice podia ter o olhar que bem entendesse (Batalha, 2016, p.162-166).

A escrita e a literatura desempenharam um papel fundamental para Eurídice, atuando como instrumento de transformação, proporcionando-lhe a capacidade de sentir e compreender o mundo ao seu redor por uma perspectiva mais atenta e singular. O contato com a arte foi a maneira que escolheu para preservar sua identidade em um mundo que persistentemente busca apagar quem ela genuinamente desejava ser. Apesar de tais momentos de catarse não terem sido revelados ou reconhecidos por outros, tiveram um impacto profundo e duradouro na vida de Eurídice, influenciando a forma como ela se percebia e interagia com o mundo.

3. Considerações finais

Em *A vida invisível de Eurídice Gusmão*, Martha Batalha (2016) narra, através da história de Eurídice, a realidade de luta contra as limitações impostas pela sociedade patriarcal burguesa da década de 1940, no Rio de Janeiro. Ao falar sobre a vida das personagens femininas, a narrativa aborda diversas questões relacionadas ao universo feminino, tais como o papel da mulher na sociedade, a maternidade, a sexualidade, a violência doméstica, a solidariedade feminina e o envelhecimento.

Influenciada pelas oportunidades que lhe foram dadas e pelas expectativas sociais que a cercavam, Eurídice era exatamente aquilo que pressupunham sobre sua identidade: uma dona de casa, esposa, mãe, enfim, uma mulher que tem seu valor reconhecido quando é escolhida e validada por um homem.

À medida que as mulheres se identificam com uma idealização sociocultural, que define o que significa ser mulher e como essa "mulheridade" deve ser vivenciada, elas se esforçam para agirem de acordo com as características que delineiam e conferem significado à representação dessa identidade. Para manter coesão nesse processo de diferenciação, é comum negar as representações que não se alinham com o ideal preconizado de ser mulher.

Dentro desse contexto, às mulheres é atribuída uma identidade pressuposta que as coloca em espaços de desempoderamento e vulnerabilidade. Estes espaços implicam que elas estejam constantemente sujeitas à validação, ou à falta dela, em comparação com outras mulheres. Essa dinâmica cria um ambiente em que as mulheres são submetidas a padrões rígidos, perpetuando uma noção de que estão sendo constantemente julgadas e avaliadas de acordo com as regras instituídas, contribuindo para a persistência de uma hierarquia que frequentemente aprisiona e restringe seu pleno desenvolvimento.

A análise da obra *A Vida Invisível de Eurídice Gusmão* (Batalha, 2016) evidenciou o impacto que uma realidade sociocultural orientada pelo patriarcalismo pode ter na construção

da identidade de mulheres ao longo do processo de envelhecimento. Por meio das reflexões sobre a participação ativa que os seres humanos são capazes de ter na construção e transformação de suas próprias identidades, fica evidente a impiedosa atuação que o patriarcado desempenha no desempoderamento das mulheres.

Esclarecendo a dificuldade de superação da identidade pressuposta que as mulheres enfrentam ao longo do processo de envelhecimento, destacando o gendramento da experiência amorosa e a posição de centralidade que esse aspecto ocupa na vida das mulheres, pode-se observar a dificuldade de superação da identidade pressuposta ao longo do processo de envelhecimento.

Apesar de os momentos de catarse de Eurídice serem descritos como contidos e discretos aos observadores externos, a narrativa enfatiza como esses instantes provocam uma transformação significativa na personagem. Internamente, ela compreende esses momentos de catarse, passando por uma metamorfose que a impede, e que ela própria não aceita, de retornar à sua vida anterior. Embora esses momentos não sejam espetaculares ou notáveis à primeira vista, eles são suficientemente visíveis para aqueles ao seu redor notarem sem alarde excessivo. Eurídice sente-se inteira, e isso fica visível.

Para ela, a escrita e a literatura desempenharam um papel crucial como ferramentas para sentir e compreender o mundo ao seu redor. Essa foi a maneira que ela encontrou para manter sua identidade em um mundo que constantemente tentava apagar quem realmente ela desejava ser. Mesmo que esses momentos de catarse não fossem manifestados de maneira extravagante, eles causaram um impacto profundo e duradouro na vida de Eurídice, influenciando na forma como ela se percebe e interage com o mundo ao seu redor.

Podemos concluir que os conceitos de Ciampa (1989) e Zanello (2018) nos permitiram, a partir da análise da obra literária, uma maior compreensão sobre a maneira como a identidade pressuposta e os dispositivos de gênero e amorosos atuam sobre a vida das personagens, e de

que maneira essas narrativas se assemelham à vivência e à qualidade de vida das mulheres até os dias atuais.

Por sua vez, a discussão de Vigotski (2001) sobre a catarse através da arte nos possibilitou analisar de que maneira a literatura pode contribuir para uma reflexão mais ampla das possibilidades de transformação pessoal e social, em relação à obra e ao impacto produzido no leitor/receptor.

Além da discussão abordada neste artigo sobre a invisibilidade e desempoderamento de Eurídice, uma mulher branca e burguesa, a obra evidencia que mulheres racializadas e periféricas – como é o caso da personagem Maria das Dores – enfrentam um fardo ainda mais pesado de suas identidades pressupostas, o que torna a possibilidade de metamorfose ainda mais impraticável. Portanto, sugerimos, com base neste artigo, a realização de uma análise mais profunda da obra, visando lançar luz sobre essas personagens que permanecem ainda mais invisibilizadas.

4. REFERÊNCIAS

- Barroco, S. M. S., & Superti, T. (2014). Vigotski e o estudo da psicologia da arte: contribuições para o desenvolvimento humano. *Psicologia & sociedade*, 26, 22-31.
- Batalha, M. (2016). *A vida invisível de Eurídice Gusmão*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Butler, J. (1990). *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. Routledge.
- Candido, A. (1995). O direito à literatura. In: *Vários escritos* (4th ed., pp. 209-221). São Paulo: Duas Cidades; Editora 34.
- Ciampa, A. C. (1988). Identidade. In: S. T. Lane & V. Codo (Orgs.). *Psicologia Social: o homem em movimento* (pp. 58-75). São Paulo: Brasiliense.
- Cruz, M. H. S. (2012). *Mapeando diferenças de gênero no ensino superior da Universidade Federal de Sergipe*. São Cristóvão: Editora UFS.
- Federici, S. (2023). *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Elefante.
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2022, Julho, 22). População cresce, mas número de pessoas com menos de 30 anos cai 5,4% de 2012 a 2021. Recuperado de

<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/34438-populacao-cresce-mas-numero-de-pessoas-com-menos-de-30-anos-cai-5-4-de-2012-a-2021>

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2023, Junho, 16). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: Características Gerais dos Domicílios e dos Moradores 2022. Recuperado de https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102004_informativo.pdf

Kimura, A. F. (1997). A construção da personagem mãe: considerações teóricas sobre identidade e papel materno. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 31, 339-343.

Medeiros, K. G. (2018). O avesso da submissão: Reconstrução histórica por meio da literatura: resistências femininas costuradas no romance “A vida invisível de Eurídice Gusmão”. *UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL*, 9(17), 57-78.

Rocha-Coutinho, M.L. (1994). *Tecendo por trás dos panos. A mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro: Rocco.

Vigotski, L. S. (2001). *Psicologia da Arte*. São Paulo: Martins Fontes.

Zanello, V. (2018). *Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação*. Curitiba: Appris.